

«O meu nome é Rory Carter
e faço coisas más.»

SINNERS ANONYMOUS - LIVRO 1

PECADORES

Anónimos

Somme Sketcher

TOP
SEL
LER

UMA NOTA DA

Somme

Caro leitor,

Obrigada por ter nas mãos um exemplar de *Pecadores Anónimos*.
Espero que goste tanto de o ler como eu gostei de o escrever.

Antes de mergulhar na história, quero que saiba que este livro é um *dark romance*. Há vários gatilhos, incluindo alusões a suicídio e agressão sexual. Por favor, leia-o com essa consciência.

Com amor,

Somme

NOVE ANOS ANTES

Angelo

As mulheres da família Visconti adoram transformar os funerais num concurso. Não importa se o defunto é a mãe ou uma tia em décimo segundo grau, é sempre um maldito despique para ver quem chora mais alto.

Gemidos, soluços, fungadelas. Os que são sufocados por um lenço emprestado ou abafados com um *kleenex* desfeito, quase consigo tolerar. São os gritos do outro lado da escala que me dão vontade de me enfiar debaixo da terra com o falecido. Os guinchos, os uivos, os berros.

Desvio os olhos do bispo Francis e fixo-os, fulminantes, na minha tia-avó Esme.

Os malditos gorgolejos.

— *Gesù Cristo* — murmura o meu primo Tor no banco corrido atrás do meu. — Cortei a garganta a um traste na semana passada. Fez exatamente aquele barulho.

Há uma movimentação ao fundo do meu banco e olho à esquerda, para o meu irmão Rafe. Está a morder o lábio inferior para reprimir o riso. Apanha-me a olhá-lo e encurva uma sobrancelha como se dissesse «O que foi? Teve piada». Ao lado dele, o Gabe, o meu outro irmão, olha fixamente em frente, com o maxilar cerrado.

O bispo Francis prossegue com o sermão monótono, arrastando a liturgia. À medida que os gorgolejos da tia Esme se tornam mais

altos, uma segunda prima que veio da Sicília especialmente para a ocasião decide que não vai ficar atrás. Solta um guincho antes de se espremer para fora do banco, fazendo *clique-claque* com os seus saltos pelo corredor em direção ao altar, onde emite um uivo que parece um balão a esvaziar e se afunda de joelhos diante dos caixões.

Nem sequer me lembro do nome dela.

Desculpas murmuradas num italiano entrecortado. Olhares febris na minha direção. Um primo vai logo atrás dela e arrasta-a de volta para o seu lugar, levantando-lhe a ponta do véu de renda, meio para a repreender, meio para a confortar.

Mas o bispo Francis perdeu o fio à meada. Começou a tropeçar nas palavras e a remexer em papéis e, atrás de mim, sinto uma mudança no ambiente.

Eu percebo. Os funerais católicos romanos são penosamente longos. Mais longos ainda quando há dois corpos para enterrar, e um deles é o de um diácono. Os bancos de madeira endurecem a cada segundo e as mentes estão a divagar para fora da dor, em direção ao Grand Visconti Hotel, em Devil's Cove, onde se irá realizar o velório.

Ninguém dá uma festa como um Visconti recentemente falecido, e então quando são dois...

O bispo relanceia o banco da frente, encontrando o meu olhar. Aceno-lhe brevemente, dando-lhe permissão para concluir. Ninguém nesta igreja quer sair daqui mais depressa do que eu. Ele pigarreja e retorna a sua atenção aos clérigos.

— Amados irmãos, a família solicita que se lhe reúnam no pátio para o enterro.

Olhos cheios de piedade e lágrimas não derramadas pousam em mim. Eu e os meus irmãos levantamo-nos e, com um último olhar demorado para os caixões, engulo o nó na garganta, rodo os ombros e conduzo-os para a parte de trás da igreja.

Caminho através do mar de sussurros, de olhos nos portões de ferro forjado diante de mim.

Quase a chegar. Quase terminado.

O meu telemóvel vibra no bolso do peito. Espero que seja a minha secretária a avisar que o jato foi reabastecido e está pronto para me levar de volta a Londres.

Um acólito abre as portas e, por um momento, detenho-me nos degraus e fecho os olhos, sentindo o vento gelado a bater-me nas bochechas, o gelo a morder-me o nariz. O tempo foi sempre mais extremo aqui no cimo da falésia do que lá em baixo na cidade; os ventos mais violentos e a chuva mais pesada. A minha mãe, a eterna otimista, lembrava-nos de que, embora fosse mais frio no inverno, também era mais quente no verão.

Na vida é tudo uma questão de equilíbrio, Angelo. O bem neutraliza sempre o mal.

Quando abro os olhos, tenho o Rafe de um lado e o Gabe do outro. Ambos seguem o meu olhar até às nuvens baixas, as suas barrigas prenhas da tempestade iminente.

O Rafe assobia.

— Que belo dia para enterrar os nossos pais.

O Gabe não diz nada.

Tomamos o caminho de gravilha que serpenteia através das lápides, até ficarmos apenas a alguns metros da beira do penhasco. Há duas covas retangulares recortadas na relva enlameada.

Os meus punhos cerram-se.

Lado a lado. Juntos para a eternidade. Gravar-se-á uma versão depurada da sua história de amor numa lápide comum. Penso em todos os que fazem *jogging* a meio da manhã e nos turistas perdidos que se deterão para a ler e acreditarão que serve para os recordar de que o amor existe.

Entretanto, a pecaminosa verdade está enterrada sete palmos abaixo deles.

Seja qual for a prosa romântica gravada na lápide de mármore, o verdadeiro amor não existe. Não é mais do que esperança sob uma forma diferente. Um conceito a que os pobres e os sem poder se agarram quando não há mais nada.

O meu olhar vira-se para a onda de fatos e rendas que atravessam o cemitério em direção a nós. Os homens bem-sucedidos

sabem que o amor não existe. Tios e primos seguram os pulsos de esposas e namoradas em vez de lhes darem a mão. Oferecem-lhes um conforto seco na esperança de que calemb a boca, ao mesmo tempo que veem as horas, calculando o tempo que falta para se juntarem às suas putas, alargar as gravatas e esquecer as suas obrigações com a Cosa Nostra.

Os homens Visconti, em particular, não se apaixonam. Porque apaixonar-se sugere algo acidental, e tudo o que esta família faz é frio e calculado.

Uma mão trémula agarra-me o ombro.

— O Alonso adoraria esta última morada — diz o tio Alfredo com a voz embargada de emoção. — Agora, se olhar para cima, pode ver a sua igreja, e se olhar para baixo, pode ver a sua cidade. Construiu ambas a partir do nada, sabes?

Baixando os olhos para o monte de terra que está prestes a ser lançado sobre a minha mãe, ofereço-lhe um aceno breve. Ele dá-me uma palmada nas costas e recua um passo. Uma coisa tenho de reconhecer: o tio Alfredo sabe interpretar um sinal.

Primeiro descem a minha mãe e eu dou por mim a afundar-me com ela, a única mulher por quem me ajoelharia. Os meus punhos cerrados desaparecem na lama. Outra mão pousa-me no ombro e, pelo brilho da pedra amarelada do anel, sei que é a do Rafe.

— Pai celestial, porque escolheste chamar a nossa irmã Maria Visconti desta vida para junto de ti, entregamos o seu corpo à terra, onde encontrará o seu último lugar de repouso — troa o bispo Francis, cujas palavras são rapidamente levadas pelo vento.

Um calor branco alastra-se pelo meu sangue e aquela amargura que me queima o fundo da garganta está de volta. Sabe a segredo e a pecado, e por mais whisky que beba no avião de regresso a casa ou depois, sei que nunca me livrarei dela.

— Das cinzas às cinzas, do pó ao pó... — entoa o bispo.

O incenso arde, e plumas de fumo fundem-se com o nevoeiro matinal. Depois vêm as rosas. Vermelho-sangue e cobertas de espinhos, aterrando com um ruído seco na tampa de mogno. O Rafe

agacha-se ao meu lado, aproxima o punho da boca e sopra. Com uma torção de pulso, um par de dados cai sobre a tampa, rolando depois para o espaço entre o caixão e o solo.

— Para a minha Lady Luck — diz com voz rouca, passando uma mão pelo cabelo. — Boa sorte lá em cima, *Mama*.

O Gabe também se ajoelha. Em vez de lançar a rosa que tem na mão, debruça-se, encosta os lábios à madeira e murmura algo longo e sentido.

Foi o máximo que o ouvi falar em anos.

As flores e os cartões pararam de cair e os olhares viram-se para mim, expectantes.

Lentamente, desenterro algo do bolso. O invólucro enruga-se na minha mão e coloco-o com cuidado no caixão, para que não se quebre.

Há um risinho ao meu lado.

— Um bolinho da sorte — diz o Rafe debilmente, e um sorriso triste distende-lhe os lábios. — Porque é que não pensei nisso?

A *mama* acreditava no destino tanto quanto acreditava em Deus. Porém, embora se desse por satisfeita sem nunca ter visto ou ouvido o tipo grande lá no céu, procurava constantemente provas de que o destino existia. Procurava-as em todo o lado. Leituras de *tarot* a cinco dólares pelas videntes de feira, o pequeno porta-chaves com a bola oito nas chaves de casa.

E os benditos bolinhos da sorte. A *mama* vivia por eles; desembrulhava um todas as noites depois do jantar, retirando gentilmente a tirinha de papel como se fosse um artefacto valioso. Encontrava significado em qualquer que fosse a vaga profecia aí contida, depois adaptava e moldava a sua vida em redor dela.

Para começar, tinha sido um bolinho da sorte que a trouxera de Nova Iorque para Devil's Dip, Washington.

Procura esperança onde o ar é salgado e os penhascos íngremes.

Adorava esta maldita cidade por julgar que era o seu destino começar uma vida aqui. Pergunto-me se, quando se debruçava na carroça de uma vidente ou abanava a bola oito, alguma vez viu que esta terra seria também a sua morte.

Em seguida baixaram o meu pai. O caixão foi envolvido por um véu púrpura e as suas vestes verdes e douradas estão dobradas em cima. Os soluços recomeçam, mais altos do que quando eram para a minha mãe. Ponho-me de pé e viro-me para o mar, sentindo todos os pares de olhos dos Viscontis a queimar-me as costas.

Sei o que estão todos a pensar. A morte do meu pai marca uma nova era para a Cosa Nostra, e essa começa comigo.

O novo *capo* de Devil's Dip.

Enquanto contemplo os barcos de pesca e os navios de carga balançando sobre as ondas lá em baixo, percebo que há outros olhos postos em mim. Viro a cabeça para a direita, estendendo o meu olhar para lá do cemitério e até ao outro lado da pequena estrada pública, onde se aglomerou uma multidão debaixo do abrigo da paragem de autocarro.

Cerro os maxilares.

Raios partam a gente desta terra. Alguns estão sentados no banco, outros estão encostados à cabina telefónica, de braços cruzados. Todos a ver os meus pais serem descidos à terra e, a julgar pelos olhares e roupas coloridas, nenhum deles veio render-lhes homenagem.

Fixo o olhar num velho. Tem o rosto curtido e gasto pelos elementos, tal como todos os trabalhadores que passaram uma vida lá em baixo, no porto, a combatê-los. Veste um casaco cor de tijolo e um cachecol amarelo e, após uns momentos, estica os lábios num sorriso presunçoso.

O meu pai dizia sempre que o meu temperamento era diferente do dos meus irmãos. A raiva deles arde lentamente como uma vela e é fácil de extinguir, enquanto a minha é como fogo de artifício. Acendam-me o rastilho e eu expludo numa questão de segundos, sem pensar nos danos irreparáveis que causarei. *És doentio, filho.*

Uma excelente característica para um *capo*.

Só que não.

— Angelo, baixa a porra da arma — silva-me o tio Alberto ao ouvido, aparecendo de repente ao meu lado.

Nem me lembro de a ter tirado do cinto, quanto mais de a apontar ao canalha altivo do outro lado da estrada. Mas a multidão começou a dispersar como um bando de pombos agitados, murmurando palavras de pânico que se dissipam no som das ondas a rebentar e do vento.

Olho para trás de mim. O bispo Francis parou de falar, as mulheres Visconti pararam de soluçar e toda a gente está a olhar fixamente para mim, seja com simpatia, raiva ou confusão. Toda a gente menos o Rafe e o Gabe, cujas mãos pairam sobre as armas nos seus cintos. O Rafe cruza o olhar com o meu e abana levemente a cabeça.

Não é boa ideia, mano.

Embora esteja a poucos metros dos meus falecidos pais com o raio de uma arma na mão, solto uma gargalhada.

Se o Angelo saltasse do penhasco, tu também saltavas?

A minha mãe perguntava isto aos meus irmãos sempre que eu os aliciava a fazer qualquer estupidez quando éramos pequenos. Deitar fogo ao velho celeiro ao fundo da estrada ou cortar os travões das nossas bicicletas para ver quem ia mais depressa da nossa casa, no cimo da colina, até ao lago lá ao fundo.

A resposta deles nunca mudara. *Sim.*

— Estão aqui para se certificarem de que ele está mesmo morto — rosno.

— Não, estão aqui pela oportunidade de verem o homem que o vai substituir. — O tio Alberto põe-se à minha frente, tapando-me a vista dos locais que se empilham nos camiões e nos carros, e agarra-me pelo queixo. Os seus olhos são um cocktail de orgulho e mágoa. — Estou ansioso por ver o que fazes, Vicious. O teu pai ficará orgulhoso.

Os músculos do meu queixo endurecem sob a almofada do seu polegar, e ele acaba por me soltar. Colocando a mão forte no meu ombro, guia-me de volta às campas e o bispo Francis assume isto como um sinal para continuar.

Mais flores na campa. O tio Alfredo deposita uma garrafa de whisky, edição especial *Smugglers Club* e, ao meu lado, o tio Alberto tira o *Rolex* do pulso e atira-o lá para dentro.

— Ganhei-o ao sacana há algum tempo. O teu velho nunca foi bom ao póquer. — Vira o pescoço para olhar para o Rafe. — Não sei a quem foste buscar o teu talento, miúdo.

É a minha vez. Não tombo de joelhos como fiz com a minha mãe; ao invés, inclino-me sobre o caixão com o seu rosário preto na mão. A corrente de contas está enrolada com duas voltas ao meu pulso, com a cruz a balançar ao vento como um pêndulo.

Ele nunca o tirava.

Até eu lho tirar.

Faço uma pausa, seguro a cruz na palma da mão e volto a guardá-lo no bolso das calças. Quando ergo os olhos, o meu primo Dante está a fitar-me intensamente do outro lado da campá.

Concluído o enterro, a terra cai sobre a minha *mama* com estrondos pesados, cada pazada soando mais final do que a anterior. Viro-me novamente para o mar, exatamente quando começam a cair as primeiras gotas de chuva.

Volto a tirar o rosário do bolso e encosto-o aos lábios.

— Perdoa-me, pai — murmuro para o metal frio enquanto um pingo de chuva me aterra na face —, porque pequei.

O Rafe aparece ao meu lado. O Gabe aproxima-se pouco depois. Atrás de nós, toda a gente se apressa para a fila de carros que aguardam, protegendo-se da chuva com os guarda-chuvas ou os livros de cânticos.

Um relâmpago rasga o horizonte.

Deus tentando castigar-me.

— É como aquela cena de *O Rei Leão* — murmura o Rafe para o colarinho da camisa, enfiando as mãos nos bolsos. — O que quer que a luz atinja é agora o teu reino, ou algo do género. É tudo teu, mano.

Baixo o olhar para o meu suposto reino. O porto periclitante à esquerda e a pequena cidade aninhada no fundo do penhasco, à direita. Depois viro-me para ver ao longo da costa, a escuridão de Devil's Hollow e depois Devil's Cove, que, mesmo através da névoa e da chuva, está iluminado como uma estúpida árvore de Natal.

— Não o quero.

As palavras deslizam-me da língua tal como eu esperava.

O Rafe dá-me uma palmada nas costas, com força, como se não estivéssemos na beira de um penhasco numa manhã muito ventosa.

— Tens uns grandes sapatos para encher, meu irmão. Mas se alguém está à altura da missão, é o Vicious Visconti.

— O meu voo para Londres é daqui a vinte minutos e não voltarei.

O silêncio perfura o vento. É ensurdecador. Finalmente encontro o olhar duro do meu irmão, e cerro os maxilares sob o seu escrutínio. Ele arqueia uma sobranceira, procurando um traço de brincadeira nas minhas feições, mas, ao contrário dele, eu não brinco.

O Gabe, como sempre, não diz nada.

— Não voltarás a Devil's Dip?

Não voltarei a esta vida.

Não explico. Ao invés, aceno na direção do carro solitário estacionado na berma da estrada. O motorista do Rafe baixa a janela e olha-nos impacientemente. Ao lado, a *Harley* do Gabe está parada debaixo de uma árvore.

— Vai para o velório. Falo contigo noutra altura.

A veia na testa do Rafe lateja, o seu olhar queimando com todas as perguntas que não faz. Virando-me de novo para o mar, volto a enfiar o rosário no bolso e arrasto o nó de um dedo pela minha barba molhada. Alguns minutos depois, o som de gravilha encharcada debaixo de solas diz-me que os meus irmãos se foram embora. Só quando o rugido da mota do Gabe se desvanece é que me viro para as campas dos meus pais.

Um dos coveiros para de empilhar terra em cima da minha mãe. Apoiase ao cabo da pá e fita-me com desconfiança.

Quando passo por ele, encosto-lhe um maço de notas ao peito enlameado.

— Desenterra-a — rosno. — A minha mãe não pertence aqui.

CAPÍTULO 1

Rory

— Chamo-me Rory Carter e faço coisas más. — O vento arranca-me as palavras dos lábios, levando-as da beira do penhasco e por cima do mar revolto.

Por vezes, gosto de fazer isto. Dizê-lo em voz alta quando estou sozinha, só para sentir o sabor da verdade.

Não sou uma criminosa. Apenas faço *coisas más*. Coisas moralmente questionáveis. Coisas vingativas e rancorosas. Eu não era assim, mas agora existe na minha alma uma mancha tão negra e teimosa que não há nada que possa fazer para a limpar. Por isso, já não me dou ao trabalho de tentar. Ao invés, *confesso*.

Dou um passo em direção à beira do precipício, sustentando a respiração quando algumas pedras se soltam sob os meus ténis e desaparecem no Pacífico revolto lá em baixo. O vento uiva como um lobo, a avisar-me da tempestade iminente. Daqui de cima, vejo-a agigantar-se ao longe, as manchas negras e cinzentas suspensas logo acima do oceano.

Escapa-me uma gargalhada amarga. Acabaria sempre assim. Eu, na beira do penhasco mais alto de Devil's Dip, tendo maus pensamentos. O que é irónico porque, pela primeira vez em três anos, estou a fazer uma *coisa boa*. Um ato completamente altruísta e de sacrifício pessoal que ninguém no seu juízo perfeito praticaria se não estivesse desesperado.

Giro o anel no meu dedo e engulo o nó na garganta.

Se eu... *saltasse*. Qual seria a sensação? Magoar-me-ia? Ficaria tudo negro? Não acredito em Deus, nem no céu e no inferno, mas questiono-me — ainda gritaria uma confissão quando rompesse a superfície da água, numa desesperada e derradeira tentativa de salvar a minha alma?

Cerrando os punhos e enfiando-os nos bolsos da minha camisa com capuz, levanto o dedo grande e empurro-o mais para a beira, até não haver nada além de ar debaixo do meu pé.

A adrenalina desce-me pela espinha e, por um momento, fecho os olhos e ponho a língua de fora, saboreando o sal e a humidade e o perigo. Deixo o vento assumir o controlo do meu corpo.

Será isto o mais perto que alguma vez estarei de ser livre?

Então, sinto um sabor diferente. Algo espesso e amargo.

— Tens esperança de cair, ou de voar?

Oh, pardal.

Abro os olhos e afasto-me da beira, sentindo-me como uma menina de escola marota apanhada a fazer algo que não devia.

Com o coração a latejar, viro a cabeça para seguir a voz e os meus olhos detêm-se num homem.

Está a menos de trinta centímetros. Um fato elegante e maçãs do rosto afiladas, pelo que lhe vejo do perfil. Torna-se ainda mais definido quando introduz um cigarro entre os dentes e inala profundamente.

Fumo. Era o sabor que sentia.

Está a contemplar o mar como se não tivesse dito nada. Se calhar não disse. Caramba, há quanto tempo estará ali? E de onde veio? Lambendo os lábios ressequidos pelo ar, olho atrás de mim a estrada paralela ao cemitério. Um carro desportivo preto está parado ao acaso, com as rodas dianteiras sobre o extremo de uma lápide antiga.

O choque inicial deixa de me paralisar os ombros, abrindo espaço para outro sentimento. Pânico. A última pessoa com quem eu devia partilhar a beira de um penhasco era um homem que estaciona *assim*. Porque, se ele não respeita os mortos, decerto que não respeita os vivos.

Será o ceifeiro negro?

Não consigo evitar uma gargalhada pela estupidez do pensamento.

Arrasto o olhar de volta para ele. Bem, está todo vestido de preto. Só que com um casaco de aspeto caro em vez de uma capa, e em vez da foice tem na mão um cigarro, cuja ponta adquire um brilho vermelho em contraste com o céu escuro quando ele dá mais uma passa profunda.

Enfio um caracol despenteado debaixo do capuz e ajusto mais o cordão debaixo do queixo. Devia sair daqui. Não só porque este homem me assusta, mas porque o Alberto tem olhos e ouvidos em todo o lado. Max, o meu segurança, não é um bufo, mas voltará a qualquer instante e...

— Porque se tens esperança de cair... — Dá um passo deliberado em direção à beira e o coração salta-me para a garganta. Tem a confiança de alguém que está apenas a espreitar sobre a beira de uma piscina e não para o mar furioso cinquenta metros abaixo de nós. — Tens um longo caminho a fazer.

Empurra-o.

O pensamento chocalha-me na cabeça, indesejado e desagradável, e desejo poder afogá-los em ácido. *Qual é o meu problema?* Em vez de ter pensamentos venenosos, devia dizer-lhe que recuasse, ou segurar-lhe o braço, porque é isso que os meus dedos anseiam fazer. Mas não o faço. Talvez seja o medo que me congela o sangue nas veias, ou talvez seja a curiosidade mórbida que me assola a alma, mas fico quieta e silenciosa.

Observo com fascínio doentio os sapatos clássicos de pele a oscilar na berma. Este homem, além de não respeitar os mortos, não respeita a *morte*. Porque, se der meio passo em frente, ou uma súbita rajada de vento soprar na direção errada, ele... *desaparecerá*.

Os meus punhos fecham-se. A pulsação lateja-me nas têmporas tão alto que abafa o rugido do vento.

Que faria se ele caísse?

A pergunta sai-me da cabeça tão depressa quanto chega. Claro que já sei o que irei fazer. Atravesso o cemitério, contorno a igreja

e enfio-me na minha cabina telefónica favorita, do outro lado da estrada. Depois, em vez de ligar para a Guarda Costeira, marco o número que conheço melhor que o meu próprio e confesso que não fiz nada para ajudar.

Porque é isso que os pecadores compulsivos fazem.

Só quando ele finalmente dá um passo atrás é que me apercebo de que estivera a sustentar a respiração. Solto uma golfada de ar estagnado, aliviada por me *sentir* aliviada e não desapontada. Significa que os meus pensamentos venenosos desta vez não ganharam.

Relanceio o seu perfil quando dá uma última passa no cigarro e o atira ao mar. Então vira-se e olha-me diretamente nos olhos, como se soubesse exatamente onde encontrá-los.

O meu coração vacila.

Bolas, falcão. É lindo.

Penetrantes olhos verdes e um queixo quadrado tão bem definido quanto as maçãs do rosto. É tudo o que o meu cérebro confuso tem tempo para registar antes de ele se virar ao meu lado, de costas agora voltadas para o horizonte sombrio.

A minha respiração fica mais superficial. Ele está demasiado perto. Perigosamente perto, e agora sinto-me como se tivesse outra vez o pé na borda. Estou ao lado dele, ombro a ombro, tentando permanecer imóvel. Tentando não respirar muito intensamente ou remexer-me muito. Tentando ignorar o quanto a presença do seu braço me queima através da gabardina, ou como o fantasma do seu cigarro entremeado com os toques de carvalho do seu *after-shave* me enrijam os mamilos.

Ele baixa-se até ao meu ouvido e preparo-me para o impacto.

— O suicídio é um pecado — rouqueja ele, arranhando-me a face com a sua barba. — Mas Devil's Dip tem uma maneira de nos dar vontade de nos atirmos de um penhasco, não tem?

E a seguir afasta-se, esmagando a gravilha até ao carro com os sapatos clássicos.

O meu peito sobe e desce enquanto o meu coração luta para se lembrar do seu ritmo natural.

Fico ali, estupefacta e fitando o mar, até ouvir o som de um motor e o chiar de pneus. Depois, com uma exalação trémula, afundo-me de joelhos na lama.

Quem diabo é ele e que diabo era... aquilo?

Quando o meu ritmo cardíaco abrandava e a adrenalina perde intensidade, o meu cérebro arranjava espaço para outras observações. Como o tempo. Oh, e o facto de estar *um gelo* aqui em cima. Vejo as horas e murmuro uma palavra-pássaro. O Max virá buscar-me diante da igreja antiga em menos de três minutos e, se quiser fazer o meu telefonema habitual, tenho de me recompor.

Viro as costas ao precipício e à perigosa tentação que este representa, e percorro o caminho cheio de vegetação que atravessa o cemitério. Passo pela igreja e atravesso a estrada, emitindo um som de irritação perante as marcas negras dos pneus no asfalto e introduzo-me na cabina telefónica ao lado da paragem de autocarro.

Aninhando o auscultador entre o ombro e a bochecha, marco o número.

A linha toca três vezes e então acedo ao serviço de voicemail.

«Ligou para Pecadores Anónimos», diz uma voz robótica de mulher. «Por favor, deixe o seu pecado após o sinal.»

Depois do longo *bip*, respiro fundo e deixo a minha alma sangrar.

CAPÍTULO 2

Rory

Se as paredes desta sala de jantar falassem, aposto que imploravam ao Alberto Visconti que se calasse.

Como todas as sextas-feiras à noite, está sentado ao meu lado à cabeceira da mesa, uma mão em volta do copo de whisky e a outra pesando-me na coxa como uma âncora.

Uma vez ouvi um empregado da piscina chamar-lhe *Alberto das Histórias*. Sendo ele o chefe da *Cosa Nostra* de Devil's Cove, já ouvi chamarem-lhe várias coisas — *capo*, *boss*, *Big Al* —, mas Alberto das Histórias parece ser mesmo a que melhor lhe encaixa. Não demorei muito tempo a aprender a desligar das suas histórias, mas ainda assim a sua voz de barítono vibra-me nos tímpanos.

Um empregado projeta uma sombra sobre o meu prato.

— O *Merlot*, *signorina*?

— Esta noite ela só bebe um — resmunga o Alberto, interrompendo a sua história. — Não quero uma repetição da semana passada.

Silêncio. Do género que se estende sobre as colinas e os desfila-deiros, não apenas sobre a mesa de jantar comprida. Consigo sentir o sorriso divertido do Tor a aquecer-me uma das faces e o olhar cáustico do Dante a queimar a outra.

No jantar da sexta-feira passada percebi que, se o meu vinho descesse abaixo da curva do copo, um criado mo encheria em menos

de trinta segundos. A conversa era tão enfadonha que testei esta teoria umas quantas vezes a mais e, depois da sobremesa, levantei-me, desequilibrei-me do alto dos meus saltos agulha e atirei ao chão o cortinado de veludo a que me agarrei para não cair. Como se o varão de cobre cair-me sobre a cabeça não fosse castigo suficiente, o Alberto está a limitar o meu consumo de álcool como se eu fosse uma criança.

Desconfortável por ser o centro das atenções, forço um sorriso para fazer um aceno de cabeça ao criado, como se concordasse totalmente com a decisão do meu noivo. Depois de ele se afastar, sufoco um suspiro. A primeira — e última — vez que suspirei diante do Alberto, ele puxou-me o rabo de cavalo com tanta força que me vieram as lágrimas aos olhos.

Aprendi rapidamente que é melhor desabafar as minhas frustrações em silêncio, em geral cerrando os punhos até as unhas gravarem meias-luas nas palmas das mãos.

Ah, e cuspir no elixir bucal dele.

O Alberto continua a regalar-nos com a história daquela vez em que desafiou o filho do Al Capone para um duelo com espadas e eu viro-me para olhar ao longo da mesa, evitando deliberadamente o contacto visual com todos os que estão aqui sentados.

Esta noite é só a família mais próxima, mas a mesa foi decorada como se houvesse a possibilidade de a rainha de Inglaterra aparecer para um aperitivo. Toalha de seda preta, mais talheres do que os que sei para que servem e elaborados arranjos de flores que foram colocados demasiado perto de velas com chamas oscilantes. Diante das portas de correr que dão para a praia, um pianista está sentado em silêncio atrás do piano de cauda, aguardando que o Alberto estale os dedos para assinalar o início do jantar.

Como diabo acabei eu aqui?

Há dois meses e meio, ajoelhei-me à porta da mansão colonial branca do Alberto e supliquei misericórdia. Agora estou a viver uma vida que não reconheço, desempenhando um papel secundário numa história que não compreendo.

Toda a gente em Devil's Coast conhece a família Visconti porque eles são os donos de quase tudo por aqui. Todos os bares, hotéis, restaurantes e casinos de Devil's Cove. A fábrica de whisky *Smugglers Club* em Devil's Hollow. O único canto desta costa a que não deitaram mão é a minha humilde cidade natal, Devil's Dip.

E, se o Alberto mantiver o seu lado do acordo, nunca deitarão.

Tomando um gole de água, olho para cima e cruzo o olhar com o do Dante Visconti. É o filho mais velho do Alberto, seu segundo no comando e o maior idiota da costa. É alto, moreno e, por mais que odeie admiti-lo, muito bonito. Tudo nele é esculpido, incluindo aquele cenho eternamente franzido. O seu olhar escurece e sei exatamente o que está prestes a dizer, porque o profere em todos os jantares de sexta-feira, sem exceção.

— A cabeceira da mesa é para o segundo no comando e os *consigliere* — rosna baixinho, ignorando o monólogo do Alberto. Aperta o guardanapo ao lado do seu prato. — Não para o brinquedo do meu pai.

E aí está.

— Ora, deixa-te disso, mano. — É o seu irmão Tor quem fala ao seu lado, piscando-me o olho. — A Aurora não é uma adolescente, tem 21 anos. Idade suficiente para beber, se bem que não para se aguentar.

Como que em resposta, o meu *Merlot* chega num copo pouco maior do que um dedal. O embaraço trepa-me pelo peito e, instintivamente, o meu olhar recai na faca de carne aprumadamente pouxada à minha frente.

Tentador.

Mas em vez de usar os talheres dos Visconti como arma, faço o que me acostumei a fazer: afivelar um sorriso falso e engolir o meu azedume.

— O Big Al mantém-te à rédea curta, não é? — diz o Tor, com os lábios a tremerem. Sem esperar por uma resposta, tira um maço de cigarros do casaco e enfia um no canto da boca. Dando uma palmada na coxa da loira ao seu lado, grunhe:

— Anda, boneca, vamos fumar.

Atravessa a sala de jantar e abre as portas de correr, deixando entrar um ar gelado que faz chocalhar os vidros da janela e me deixa os braços em pele de galinha. A namorada trota atrás dele como um cachorro perdido.

Sabia quem era o Tor Visconti muito antes de o pai dele me pôr uma pedra no dedo. Todas as raparigas de Devil's Coast conhecem o Tor, algumas mais intimamente do que outras. Lábios carnudos, cabelos despenteados e um sorriso capaz de derreter o Ártico. E depois há aquele estúpido *piercing* no nariz que brilha sempre que vira a cabeça para me sorrir com desdém. Pareceria quase feminino se não fossem as tatuagens e os ombros mais largos que um campo de futebol.

Tomo um gole de vinho e observo-o através da janela. Reconheço a namorada como uma conterrânea de Devil's Dip. Está a forçar um sotaque polido e a agarrar-se à mala de estilista como se fosse uma boia de salvação, mas não me engana. Vejo-a enrolar os compridos cabelos loiros no dedo, rindo de algo que ele disse.

Compreendo. Desde a forma como fuma o cigarro até à maneira como usa o fato — colarinho desabotoado e gravata solta —, há nele um ar de rebelião que faz as raparigas quererem despir as cuecas. Claro que também ajuda o facto de ele gerir a vida noturna em Devil's Cove. Mesmo no caso improvável de não se querer estar na sua cama, pelo menos quer-se estar nos seus clubes. Além disso, vejo a forma como olha para os seus engates. Fitando-as por baixo daquelas pestanas escuras e espessas enquanto arranha o lábio inferior com os dentes. É como uma promessa silenciosa de que lhes dará o mundo. Mas é isso que todas essas raparigas serão sempre: engates. Vêm jantar uma, talvez duas vezes, e depois desaparecem da face do planeta.

— Posso trazer-lhe alguma coisa, *Signor* Visconti? — murmura um criado para o Alberto, aproveitando um intervalo na sua historieta mais recente.

— *Smugglers Club*. Com gelo.

Sim, gelo. No curto espaço de tempo em que conheci pessoalmente os Viscontis, aprendi duas coisas acerca deles.

A primeira é que não são apenas uma família poderosa; são, de facto, a máfia. Siciliano-americanos de coração gelado e sangue quente, que vivem e morrem pelas *Glocks* enfiadas nas cinturas dos seus fatos *Armani*.

A segunda é que tudo o que querem conseguem. Incluindo um cubo de gelo no seu copo baixo.

— Em breve, todos te chamarão *Signora*.

Viro-me para a Amelia, que está sentada ao meu lado.

— Desculpa?

O seu sorriso aberto suaviza-lhe as feições afiladas.

— *Signora*. *Signorina* é o título para as mulheres solteiras, como «Miss» em inglês. Dentro de um mês estarás casada e passarás a ser *Signora*. — Enfia uma madeixa de sedoso cabelo castanho atrás da orelha e sorri. — *Signora* Aurora Visconti. Soa bem, não soa?

O nome coalha como leite no meu estômago e, se mais alguém em redor desta maldita mesa o tivesse pronunciado, saberia que estavam apenas a provocar-me.

Mas a Amelia Visconti... é diferente. Fala delicadamente e é bondosa e, agora que penso nisso, anda mesmo muito enganada. Está sentada a esta mesa por escolha — casou com o Donatello Visconti, segundo filho do Alberto, e *consigliere*. Este está sentado em frente a ela, folheando papéis e, ao contrário do Dante, está a borrifar-se por eu ocupar o seu lugar à mesa.

O Donatello é limpo em todas as aceções da palavra. Fato apurado, cabelo preto curto e provavelmente o único Visconti de sangue que não tem um bilhete só de ida para o inferno. Ele e a Amelia conheceram-se na Academia de Devil's Coast em criança, casaram-se assim que fizeram 18 anos e, aparentemente, têm estado colados um ao outro nos dez anos que decorreram depois disso. Tenho a sensação de que ele não se importa realmente com a *persona* «dorme com os peixes» que o Alberto e o Dante exibem. Tem uma licenciatura em gestão tirada em Harvard e a Amelia é uma contabilista

certificada. Gerem em conjunto os negócios lícitos em Devil's Cove. Certa vez, depois de um whisky a mais, o Alberto disse-me que deixa a Amelia mandar no filho porque ela faz muito dinheiro para a família.

Eu acredito. O *Lonely Planet Guide* apelida o Visconti Grand Hotel de «o *Burj Al Arab* do Pacífico Noroeste» e há mais estrelas Michelin por quilómetro quadrado nos restaurantes de Devil's Cove do que em qualquer outro lugar do mundo.

— Não falta muito para o Grande Dia — sussurra a Amelia, animada, acotovelando-me.

O desconforto aloja-se no fundo do meu estômago como um balão de chumbo.

A Amelia pode ter casado com um Visconti por amor, mas tenho a certeza de que isso é muito mais fácil quando o teu marido parece um Ryan Reynolds italiano. Basta dar uma olhadela ao meu noivo para perceber que não é o meu caso.

Alberto Visconti. Claro que, nos seus tempos áureos, deve ter sido bonito, e se a nossa imaginação conseguir ultrapassar a pele curtida, a melena branca e a barriga enorme, basta olhar para os filhos para ter uma ideia de como teria sido a aparência dele. Tenho a certeza de que a sua primeira mulher casou com ele por amor — caramba, se calhar até a segunda e a terceira. Mas ter quase 70 anos, uma riqueza infindável e viver toda a vida com um alvo nas costas deram cabo dele.

Oh, e o facto de ser o homem mais cruel na Costa.

Fixo os olhos no papel de parede acolchoado por cima da cabeça do Dante, e outro suspiro se forma silenciosamente no meu peito.

A minha vida não devia ser assim. Na noite anterior ao meu décimo oitavo aniversário, sentei-me no cais ao fundo da nossa cabana e criei um quadro inspiracional para o meu plano de cinco anos, usando recortes de revistas antigas da minha mãe. Recortei um chapéu e uma capa de formatura e ao lado coleí uma fotocópia da minha carta de aceitação na Academia de Aviação do Noroeste. Aquela miúda... estava cheia de esperança e tinha um coração puro. Não tinha maus pensamentos nem fazia coisas más.

Não tinha de ligar todas as semanas para a linha de apoio dos Pecadores Anónimos.

Que pensaria ela se me visse agora? Jantando com monstros.

Ela própria um monstro.

Acho que nem posso culpar o Alberto pelos meus pecados; tornei-me má anos antes de o conhecer.

Tomo um gole de vinho e olho novamente para as portas corrediças, seguindo o riso vibrante do engate do Tor. A brisa ainda se infiltra pela abertura das portas, trazendo consigo o cheiro a fumo de cigarro. De repente, estou de volta à beira do penhasco sobranceiro a Devil's Dip. O meu corpo à mercê do vento, o meu ténis direito pairando apenas sobre o ar.

Tens esperança de cair, ou de voar?

— Oh, pardal! — Uma dor lancinante golpeia-me a coxa. Baixo os olhos e vejo que o Alberto virou a mão e arrastou a pedra facetada do seu anel pela minha pele. — Mas que...

— Aurora, o Dante fez-te uma pergunta — diz o Alberto por entre os dentes cerrados. Os seus olhos faíscam como sinais de alarme. — É falta de educação ignorar as pessoas quando falam contigo.

Pestanejo, voltando a baixar os olhos para a minha coxa. O sangue aflora à superfície e escorre, formando um pequeno regato em direção à bainha do vestido.

Desta vez, faço mais do que olhar para a faca da carne. Os meus dedos mexem-se na direção dela.

Não. Assim não. Lembra-te porque é que estás aqui, Rory.

Forçando a raiva a descer-me no peito, pego num guardanapo, limpo a ferida fresca e viro a minha atenção para o Dante. Tem o divertimento estampado no rosto e, caraças!, como odeio a forma como os seus lábios se curvam num sorriso de desdém sempre que é forçado a olhar para mim.

Põe o braço sobre a cadeira vazia do Tor e arqueia a sobrancelha.

— Vamos construir um retiro de spa no promontório norte.

— Vista infinita de mar e mais nada em redor ao longo de quilómetros. Os turistas russos adoram essa merda, especialmente no

inverno — acrescenta o Alberto, antes de esvaziar o copo e estalar os dedos para pedir outro.

O Dante ignora-o.

— É uma trapalhada lá em cima. Floresta densa que levará meses a limpar antes de pensarmos, sequer, em lançar os alicerces. — Toma um longo gole de whisky, os olhos brilhando para mim sobre o rebordo. — Mas a questão principal é a passada. Grasnam o tempo todo, o que não combina com a *vibe* pacífica que pretendemos. Esperamos que, quando obliterarmos o seu *habitat* e os seus ninhos, se vão embora de livre vontade, mas se não forem... — Interrompe-se, deixando a insinuação suspensa sobre a mesa. — Precisaremos então de uma maneira mais... *certa* de nos livrarmos deles. Afugentá-los com fumo ou pôr veneno no solo da floresta, talvez. Visto que és tão apaixonada pela vida selvagem, Aurora, não terás algumas outras sugestões?

Um calor branco percorre-me as veias, apesar do frio que entra.

Inspiro uma golfada de ar pelas narinas. Limpo outra vez a coxa ensanguentada.

— Que pássaro é? — pergunto o mais calmamente que consigo. Ele põe o telemóvel mesmo debaixo do meu nariz.

— Não sei. Um dos meus homens enviou-me uma fotografia. Talvez o reconheças.

Semicerro os olhos para a fotografia desfocada no seu telefone e sinto o sangue fugir-me das faces.

— Dante — digo roucamente. — É um pombo-da-fruta.

— Parece exótico.

— Exótico? Estão perto da extinção! Uma espécie protegida... não podes destruir a floresta aí. Na verdade, tens de ligar imediatamente para os Serviços de Proteção da Vida Selvagem.

Ele recosta-se na cadeira, com um sorriso triunfante nos lábios. Conseguiu exatamente aquilo que pretendia de mim — uma reação. Mas não me importo; a minha mente está disparada, tentando perceber como poderia haver pombos-da-fruta em Devil's Cove. A espécie em particular da foto é nativa do Sul da Austrália e da

Polinésia, regiões com climas húmidos. Mas também sei que podem ser encontrados em florestas secundárias — bosques que voltaram a crescer depois de uma retirada de madeiras. Conheço a área de que ele fala e lembro-me de o meu pai me dizer que costumava ser uma exploração de madeira, muito antes de os Viscontis se mudarem para aqui e transformarem isto na Las Vegas do Pacífico Noroeste. Isso, além dos mangues nas grutas perto de Devil's Hollow...

— Népia.

Levanto os olhos.

— Hum?

O Dante lança-me uma expressão enfasiada.

— Não, não vou contactar os serviços da vida selvagem. São um bando de hippies abraçadores de árvores como tu...

— Não falas a sério!?

— Já interferiste o suficiente com os nossos planos de construção, não achas? Se dependesse de ti, a totalidade de Devil's Coast seria um maldito pântano.

Antes de eu poder reagir, há um grande estrondo no pátio. O Dante põe-se de pé com um salto, a mão sobre a arma presa no cinto. A Amelia grita e agarra o braço do marido. No outro lado da mesa, a Vittoria solta um suspiro sonoro e volta a concentrar-se no telemóvel.

As portas de correr abrem-se e o Tor atravessa-as, com o braço do seu engate por cima dos ombros. Ela está a rir, trémula sobre os saltos altos, os olhos meio fechados.

O Alberto murmura algo muito baixinho em italiano.

— Peço desculpa a todos — diz o Tor através de uma gargalhada. — A Skyler caiu. Diz que prendeu um salto nas ripas do pátio — diz ele, roçando o cabelo dela com os lábios. — Mas acho que ela bebeu um martíni a mais.

Com um risinho, a Skyler cambaleia na direção de uma casa de banho e o Tor volta a sentar-se.

— Skyler — murmura o Dante sombriamente para o fundo do seu copo. — *Gesù Cristo*. Só pode ser nome de *stripper*. — Relanceia

as portas de correr. — Já foi três vezes à casa de banho e ainda nem comemos as entradas.

— Deve estar nervosa por estar num encontro com um tal galã — riposta o Tor, piscando-me o olho. A única coisa que torna o Tor ligeiramente menos insuportável do que o Dante é que, pelo menos, inclui-me nas suas piadas, mesmo quando não sou o alvo delas.

— Acho que está mais a tentar ver quanto pó pode enfiar no nariz antes de os bolinhos de caranguejo serem servidos. Espero que ela saiba que cortas a tua coca com tranquilizante para cavalos, porque não vou remover o corpo dela da casa de banho dos convidados.

O Tor dá um murro na mesa.

— Vai-te foder. A minha coca é mais limpa que o histórico de uma freira.

— *Basta* — silva o Alberto. A sua voz é baixa e tranquila, mas corta a sala de jantar como faca quente em manteiga. A sua mão encontra o caminho de volta para a minha coxa e o calor que emana arde-me na ferida fresca. — Já tive que chegar. Esta família não consegue chegar ao fim de um jantar sem discutir. Se a vossa mãe ainda estivesse aqui...

— Se a nossa mãe ainda estivesse aqui, não haveria uma caçadora de *capos* sentada à minha frente.

Silêncio.

O Tor emite um assobio baixo. Os dedos da Amelia afagam-me gentilmente o antebraço e o Alberto resmunga.

Eu devia beber o meu vinho e alisar o cabelo com a mão e ignorar o comentário. Mas ser *essa rapariga* não me acontece com facilidade.

— Caçadora de *capos*? — Os meus olhos disparam para a faca da carne e depois para o cenho franzido do Dante. — Que significa isso?

O Donatello atira os seus documentos para cima da mesa com estrondo.

— Dante, não...

— Significa que vais casar com o meu pai porque é a única hipótese que tens de sair da tua vila de camponeses. Há montes de

raparigas como tu em Devil's Dip — diz ele como se cuspiisse, virando o polegar na direção do átrio. — Aposto que a puta do Tor é da mesma favela que tu. — Apoiando os cotovelos na mesa, aproxima-se mais de mim. A forma como os seus olhos dançam com ódio puro aterroriza-me e excita-me ao mesmo tempo. — Vocês são todas iguais. Mamas maiores que o QI e um sorriso igualmente falso. Sabes o que é que eu acho engraçado? Nunca infringiram uma lei na vida, mas estão dispostas a virar a cara e abrir as pernas, desde que o vosso cartão de crédito não tenha limite, não é?

— Dante — rosna o Alberto. — Se dizes mais uma palavra, eu...

— Tu o quê? — diz o Dante amargamente, sem nunca deixar de me olhar. — Arranjas outra pessoa para fazer o teu trabalho?

O Alberto levanta-se de um salto e o Dante faz o mesmo, enfrentando-o.

Caraças. Ainda estou a tentar entender toda esta maldita hierarquia da máfia, mas até eu sei que ir contra o *capo* do clã infringe todos os códigos da Cosa Nostra. Mesmo quando se é o segundo no comando que praticamente gere todos os negócios e o *capo* é o teu pai bêbedo e mulherengo.

O ar redemoinha quente e pesado, com queixas por exprimir e egos inchados. Isto é superior a mim. Cerrando os punhos, cravo as unhas nas palmas e grito mentalmente uma palavra-pássaro. Estou demasiado sóbria para isto e, o que é pior, *o jantar ainda nem começou.*

Vai ser uma longa noite.

Finalmente, o Donatello quebra a tensão.

— Pronto, pronto — suspira, empurrando a cadeira para trás e contornando a mesa para se colocar no meio deles. — Vamos todos acalmar-nos e falamos sobre isso amanhã. — Tira o copo de whisky da mão do pai e pousa-o na mesa. — Todos bebemos demais e dissemos coisas que não queríamos dizer.

Os três baixam as vozes e começam a murmurar entre eles num italiano duro. O Tor cruza o olhar com o meu e sorri presunçosamente, depois vai lá fora fumar outro cigarro.

Há um toque na minha perna.

— Aurora? Estás bem?

Viro-me ao encontro do olhar bondoso da Amelia e percebo que não estou.

Isto não sou eu.

Não sou a loira estúpida e oportunista que toda a gente nesta família pensa que eu sou, e estou farta de desempenhar esse papel. Estou farta da porcaria dos saltos altos e dos vestidos curtos que o Alberto me obriga a usar. Estou farta dos risinhos cínicos e dos revirares de olhos e dos insultos de pessoas que não me mijariam em cima se eu estivesse a arder. Os seguranças e os itinerários e as noites sem dormir fitando o teto dourado do quarto do Alberto, perguntando-me se a sua barriga gorda me vai sufocar quando finalmente se puser em cima de mim na nossa noite de núpcias.

Odeio os Viscontis.

E odeio não ter outra alternativa além de aguentar e sorrir.

— Aurora?

E estou farta que me chamem Aurora. O meu nome é Rory.

— Vamos pousar isto, está bem? — A Amelia põe a mão em cima da minha e gentilmente solta a faca da carne dos meus dedos. Dirige-me um sorriso compassivo e diz: — Não liguês ao Dante. Ele e o pai têm os seus problemas, e está só a arrastar-te para a lama.

Antes de me recompor o suficiente para responder com um sorriso forçado ou uma desculpa polida, as portas de vaivém abrem-se e um segurança com um auricular atravessa-as. Vai direito ao Alberto e sussurra-lhe algo ao ouvido. Imediatamente, o Alberto, o Donatello e o Dante tiram as armas dos cintos e saem sem palavras.

— Oh, foda-se — ouve-se do pátio. Viro-me e vejo o Tor atirar o cigarro a meio para a escuridão e atravessar a sala de jantar, desaparecendo para o átrio com uma arma na mão.

Os pelos na minha nuca eriçam-se.

— Que se passa?

— Sei tanto como tu — murmura a Amelia.

Passam-se alguns instantes pesados antes de uma voz rouca e uma explosão de gargalhadas cortar a tensão. Ao meu lado, sinto

a Amelia relaxar, afundando-se na cadeira e tomando um gole de vinho. O barulho coletivo é leve e animado e viaja até à sala de jantar, trazendo consigo os homens Visconti.

— Vejam quem veio jantar! — grita o Alberto, as bochechas rosadas de deleite.

Antes de me poder virar para ver quem é, uma mão gentil pouisa no meu ombro e levanto os olhos ao encontro dos de um criado.

— *Signorina*, o *signor* Visconti pediu que se mudasse para a outra ponta da mesa, para dar espaço à visita.

Olho para o extremo da mesa onde a Vittoria e o Leonardo, os gémeos adolescentes do Alberto, olham, mal-humorados, para os telemóveis. Há um lugar vago ao lado da Vittoria e ao lado deste está o Max. Ele cruza o olhar com o meu e sorri.

Fantástico. Faço-lhe cara feia, mas depois encolho os ombros. Tanto faz. Estou bastante satisfeita por me afastar do olhar de *laser* do Dante e do alcance do anel de rubi do Alberto.

Sou rodeada por mais criados, tirando os meus talheres e substituindo-os por novos com a velocidade de uma equipa de mecânicos da Fórmula 1. Quando me instalo ao lado do Max, ele dá-me uma cotovelada no ombro e diz:

— Olha, que bela surpresa. Agora não tenho de me contentar em admirar-te de longe. — Os seus olhos brilham, percorrendo o meu vestido vermelho e detendo-se no meu peito. A sua garganta vibra. — A propósito, estás linda esta noite.

Estou grata por o criado que serve este lado da mesa não ter recebido o memorando acerca da minha restrição de álcool. Enche-me o copo de vinho tinto e dou um gole desesperado antes de me virar para o Max.

— Sabes que sou comprometida com o teu patrão, não sabes?

— Tu conheces-me — ronrona ele, encostando o joelho ao meu por baixo da mesa. — Gosto de viver no limite. — Mas a forma como os seus olhos sondam febrilmente o outro lado da mesa sugere o contrário.

O Max não é um Visconti, mas sem dúvida que gostaria de ser. É aquilo a que eles chamam um associado — não tem uma gota

de sangue italiano nas veias e, no entanto, trabalha para a máfia. É apenas uma espécie de laçao, fazendo todo o género de trabalhos com que os membros formais não querem sujar as mãos, incluindo acompanhar a noiva do *capo* a Devil's Dip duas vezes por semana.

O Max faz-me ferver o sangue. Tem olhos lascivos e mãos em todo o lado e recorda-me os rapazes que *me tornaram assim*. Também estudou na mesma escola que eles — a prestigiada Academia de Devil's Coast —, por isso sei que ouviu os boatos.

É só um ano mais velho do que eu, com grandes olhos castanhos e cabelo solto que ele sopra da cara quando está nervoso. A única razão para eu não lhe ter feito uma *coisa má* é termos um acordo. Tolero os seus comentários lascivos e olhares demorados em troca de duas horas de solidão quando chegamos a Devil's Dip. Ambos sabemos que se meteria em problemas sérios se o Alberto soubesse que ele não estava sempre comigo, por isso é o nosso segredinho.

Clink, clink, clink.

O som de talheres a bater em copos de cristal. Claro que o barulho é feito pelo Alberto — a única coisa que ele adora mais do que mulheres e histórias é um longo e enfadonho discurso. Olho para ele enquanto pigarreia e então os meus olhos são imediatamente atraídos para o homem que ocupou o meu lugar à mesa.

Uma sensação estranha sobe-me pelo corpo, e o meu cérebro esforça-se por compreendê-la. Começa na base da coluna e sobe até ao pescoço antes de se alojar em redor da garganta como um mata-leão. Forço-me a engolir e concentro-me no perfil do homem. Aquelas maçãs do rosto afiladas, a barba rala a forrar-lhe o queixo...

E então, como se ele pudesse sentir o meu olhar a perfurar-lhe a face, vira-se e fixa os olhos nos meus.

Oh, flamingo.

É ele. O homem da beira do precipício. O do cigarro e dos sapatos clássicos e do tom indiferente.

O suicídio é um pecado.

Fixa-me com um olhar desinteressado e depois os seus olhos escurecem.

Afasto o olhar, remexendo o guardanapo no meu colo com mãos trémulas. O meu coração retumba como se tentasse escapar do peito e sinto o suor acumular-se sob as minhas coxas, fazendo-me afundar mais na cadeira. Quando arranjo coragem para voltar a olhá-lo, ele retornou a sua atenção ao Dante. Quietos e em silêncio, ouve-o falar com uma expressão neutra nas feições perfeitas.

O Alberto pigarreia, batendo no copo com mais força. A sala, finalmente, silencia-se.

— Atenção, toda a gente — troa. Com um sorriso de tubarão, vira-se para o convidado e ergue o copo. — Temos uma visita inesperada, mas muito bem-vinda. Por isso, bebamos em honra do meu sobrinho predileto, Vicious Visconti.

Sobrinho. Vicious.

Sou submergida pelos aplausos que inundam a sala.

Levo o copo de vinho aos lábios e engulo até à última gota o líquido vermelho-sangue, depois estendo-o para que o voltem a encher.

Tenho uma sensação desconfortável de que vou precisar.

CAPÍTULO 3

Rory

A excitação da sala de jantar acaba por esmorecer, e a briga entre o Alberto e o Dante parece há muito esquecida. Com um estalar dos dedos cobertos de anéis do meu noivo, o jantar começa.

Uma versão lenta de *Ava Maria* flutua do piano, servindo de pano de fundo à tagarelice. O vinho e o whisky fluem, tanto para dentro do meu copo como para o de toda a gente, mas não me ajudam a aliviar o desconforto que fervilha sob a minha pele.

Não consigo tirar os olhos dele.

Ao princípio, observo cada um dos seus movimentos, porque estou à espera do momento em que diz ao Alberto que me reconheceu. A rapariga de calças de treino equilibrando um pé perigosamente por cima de um penhasco. *Sozinha*. Espero que o Alberto me perfure com aquele olhar ardente, rangendo os dentes, como fez na sexta-feira passada quando o embarcei ao puxar os cortinados. Desta vez as consequências serão muito mais severas do que uma bofetada na cara ou um puxão do rabo de cavalo.

Porém, à medida que o quarto copo de *Merlot* me aquece o fundo do estômago, o medo dá lugar à curiosidade.

Ele mal pronunciou uma palavra. Mal se mexeu. Quando as entradas chegaram, despiu o casaco e dobrou-o cuidadosamente nas costas da cadeira, revelando uma camisola creme que lhe cinge o corpo

como uma segunda pele. Desde então, está ali sentado como se a sua coluna fosse de aço, de punhos cerrados, um de cada lado do prato em que não tocou, enquanto o Alberto e o Dante fazem todas as despesas da conversa.

Não me olhou uma única vez.

Talvez seja o choque inicial a desvanecer-se, talvez seja o efeito do vinho no meu sistema nervoso, mas começo a permitir-me acreditar que imaginei o olhar negro que me lançou quando o Alberto o apresentou. Foi fugaz, eu estaria por mero acaso na sua linha de visão. Afinal, que probabilidades há de ele me reconhecer? Apenas me olhou uma vez no penhasco, quando estava a virar-se para partir, e eu estive sempre com o capuz na cabeça.

Sim. Está tudo bem. Vai correr tudo bem.

— Ponho-te nervosa?

Não é mais que um sussurro e quase não o ouço. Afasto o olhar da cabeceira da mesa e fixo-o no Max.

— Hum?

Ele lambe os lábios.

— Estás a abanar a perna e não tocaste na comida. Estar sentada tão perto de mim põe-te nervosa?

Se não precisasse dele para visitar o meu pai duas vezes por semana, serrava-lhe os travões do carro.

Em vez de ripostar, viro a minha atenção para a Vittoria, do meu lado esquerdo. Está a empurrar uma pata de caranguejo de um lado para o outro do prato, o seu sedoso cabelo preto tapando-lhe a cara.

— Vittoria?

— Vou tornar-me vegetariana — anuncia ela, dando um empurrão repugnado ao crustáceo. — Os caranguejos gritam quando são cozidos. Sabias disso?

— Nesse caso, ainda bem que são fritos — diz o Leonardo secamente do outro lado dela, sem levantar os olhos do *iPhone*.

— Estúpido — murmura ela baixinho, pousando o garfo.

Ela e o Leonardo são gémeos e, com 16 anos, odeiam tanto estes jantares como eu.

Toco levemente no braço dela e baixo a voz.

— Olha, aquele é teu primo?

Ela atira um guardanapo para cima do caranguejo mutilado e levanta os olhos, mal-humorada.

— O Angelo? Há séculos que não o via.

Angelo. Pelo menos não se chama mesmo Vicious.

— E faz parte do clã do Hollow? Nunca o tinha visto.

Atravessar a ombreira da porta desta mansão era como cair numa cena de *O Padrinho*. Aprendi rapidamente a árvore genealógica da família, mas ainda não sei bem quem é dono do quê. O Alberto e os filhos são muitas vezes referidos como o clã do Cove, enquanto o irmão dele, Alfredo, dirige o clã do Hollow, em Devil's Hollow, a uns vinte minutos de carro. Têm ali a sua fábrica de whisky, assim como outros negócios de que pouco sei. Mas encontrei-me com os filhos do Alfredo algumas vezes e este novo tipo não era de certeza um deles.

— Não, ele é do Dip.

Pestanejo.

— Dip?

Ela olha-me como se eu fosse estúpida.

— O Angelo é do clã de Devil's Dip. Sabes, a tua terra?

O meu sangue congela.

— Não há clã em Devil's Dip — quase sussurro.

Não. Não pode ser. Não há presença dos Viscontis em Devil's Dip; literalmente, todo este acordo se baseia nisso.

— Pois, agora já não. Ele devia ter assumido quando o tio Alonso morreu, mas não o fez.

— Tio Alonso? O Alberto tem outro irmão?

— *Tinha*. Como disse, morreu.

— Então porque é que o Angelo não assumiu?

Ela suspira daquela forma ruidosa e ativa que os adolescentes mimados usam.

— Porque é que não lhe perguntas? Ele está mesmo ali.

— Chiu! — silvo.

Ensopo estas novas informações num gole de vinho, mas isso não me ajuda a engoli-las. Fito a cabeceira da mesa por cima do copo. *Angelo Visconti*. Então, o estúpido misterioso tem um nome. Os meus olhos seguem-no obsessivamente quando ele se mexe pela primeira vez desde que as entradas foram servidas, apenas para se recostar na cadeira e esfregar as mãos de uma forma que flete o seu enorme bíceps.

Parece entediado.

Os criados retiram os pratos e enchem o meu copo. A conversa flui, mas soa distorcida, como se estivesse a ouvi-la debaixo de água. A brisa entra pela fresta nas portas de correr e afaga-me a nuca, tentando-me, provocando-me com a ideia de fugir desta sala de jantar pestilenta e nunca mais ter de ver um Visconti.

Lentamente, a minha repugnância por esta família vira-se para um membro em particular. Os meus olhos queimam a face do Angelo virada para mim.

O suicídio é um pecado. Mas Devil's Dip tem uma maneira de nos dar vontade de nos atirmos de um penhasco, não tem?

O meu gole seguinte no vinho amarga-me na língua. Agora que consegui convencer-me de que ele não me reconheceu, o meu medo de que ele contasse ao Alberto que me tinha visto sozinha em Devil's Dip funde-se em algo mais negro: ódio.

Ele pensou que eu ia saltar e, contudo... não fez nada além de me dizer que a queda era longa. Deixou-me ali, à beira do precipício.

Nem sequer olhou para trás.

Se os últimos dois meses me ensinaram alguma coisa, foi que os Viscontis são cruéis. Mas este? Santo Corvo, não tem um pinga de humildade naquele corpo escultural.

Talvez fosse por isso que o Alberto lhe chamou Vicious.

— Aurora? Hum, talvez seja melhor abrandares. Pareces um bocadinho bêbeda.

— Cala-te, Max.

A minha pulsação lateja-me nos ouvidos a um ritmo inquietante. Desisti de fingir que não estava a olhar, e agora os meus olhos perfuram-lhe o lado da cabeça. *Que estúpido!*

De repente, ouço o meu nome.

— Quê?

Sei que a palavra me saiu dos lábios alta e rude, porque toda a gente interrompe as conversas para me olhar.

Há um raspar de garfo. Alguém tosse.

— Estava só a dizer ao Angelo que és de Devil's Dip — diz o Alberto cuidadosamente, fitando-me com um olhar desconfiado. Um olhar de *não te atrevas a envergonhar-me*. — O Angelo também cresceu lá. Tenho a certeza de que os dois terão muito que conversar.

O Angelo vê as horas, depois volta a mirar o papel de parede por cima da cabeça do Dante.

— Não há muito a conversar — diz ele. — Aquele sítio é uma esterqueira.

O Tor solta uma gargalhada sonora e, ao lado dele, o Dante sorri para dentro do copo baixo.

— Nesse caso, porque é que lá voltaste?

Silêncio. É pesado e quente e a minha pergunta fica suspensa na sala de jantar como uma pintura feia.

Oh, pardal. O que é que acabei de fazer?

Não só ripostei diante do Alberto, como deixei escapar que vi o seu sobrinho em Devil's Dip. O que significa que não estou a ser escoltada apenas para ver o meu pai e voltar, como era suposto. O meu coração acelera, a minha garganta fica seca e desejo poder engolir aquelas palavras tão depressa quanto as deixei sair. Sobre tudo quando o Alberto estala os nós dos dedos e silva qualquer coisa em italiano.

De repente, apercebo-me de algo estranho. Sou a única que olha para o Alberto à espera da sua reação. Os outros todos? O seu foco coletivo é no Angelo. É quase como se esperassem sem respirar para ver o que ele vai fazer a seguir.

Forço-me a olhar também para o Angelo e percebo que agora me olha diretamente. O seu olhar é pesado e frio. Indiferente. Como se estivesse a ver o menu de um dólar do McDonalds e não a rapariga que acabou de o provocar.

Os instantes que se seguem parecem estender-se para sempre. Depois, ele leva o whisky aos lábios, dá um gole lento e vira-se para o Dante.

— O Rafe disse que vais renovar o Grand. Deve ser caro.

E, de repente, a tensão dissolve-se numa conversa acerca do mais recente empreendimento dos Viscontis. Toda a gente esqueceu o meu pequeno ato de rebeldia, mas não consigo livrar-me da sensação de que as consequências da minha língua afiada e bêbeda haverão de surgir mais tarde.

Depois de os criados retirarem os pratos de sobremesa, o Alberto dá uma palmadinha no estômago gordo, bate palmas e anuncia:

— Hora da farra!

Fantástico.

As cadeiras são arrastadas e toda a gente atravessa as portas de vaivém e desce para a cave. Em vez de os seguir, afasto-me e cambaleio em direção à casa de banho dos convidados, ao lado do escritório do Alberto, aquele em que o engate do Tor deve ter estado a cheirar coca no lavatório dourado.

Só preciso de um momento para organizar os meus pensamentos. Para ficar um pouco mais sóbria. O vinho subiu-me diretamente à cabeça e mal me mantenho direita nos estúpidos saltos-agulha que o Alberto que eu use. Só preciso de um momento longe desta família. Sentar-me numa sala silenciosa, depois atirar água para a cara e...

— Ai!

De repente, sinto um aperto forte no pulso. Faz-me virar e atira-me contra a parede do corredor. Apesar da escuridão e da névoa do álcool a toldar-me a visão, sinto o cheiro do cocktail de cigarros e bebida no hálito quente do Alberto. Viro a cabeça para o lado, arquejando devido ao peso do seu corpo enorme a prender o meu.

Vai ser esta a sensação na nossa noite de núpcias?

— Alberto!

Sou interrompida pela sua mão gorda a prender-me os maxilares.

— Nunca mais me embaraces desta forma — silva ele, baixando-se para me roçar o nariz com os lábios molhados. — Se te queres

comportar como uma pirralha mimada, é dessa forma que te vou castigar. — Aperta com mais força, ameaçando partir-me o maxilar. — Mando embora a equipa de cuidados ao teu pai e impeço-te de o visitar. Compreendeste?

Apesar da dor, não consigo evitar uma sensação de alívio. Ele não sabe que vi o Angelo em Devil's Dip; só está zangado pela minha provocação. Reviro a cabeça nas suas mãos, porque quase não tenho espaço para assentir.

— Muito bem — ronrona ele, aparentemente feliz com a minha rápida obediência. Penso que me vai soltar, mas não. Ao contrário, encosta-se mais a mim.

Será que... *Santo corvo*. A protuberância agora encostada à minha coxa sugere que ele está *mais* do que feliz. A bília sobe-me à garganta e combato a urgência de conectar o meu joelho à sua ereção.

— Ou talvez eu não espere até à nossa noite de núpcias para me apoderar do que é meu.

O meu coração para. A ameaça do Alberto está carregada como uma arma, e ele deixa-a marinar no pequeno espaço entre nós. A sua respiração queima-me a bochecha, tornando-se cada vez mais laboriosa no silêncio.

— Compreendi — digo roucamente.

Não sendo pessoa de perder uma festa, ele afasta-se de mim e desce o corredor.

— És para ser vista, não ouvida, Aurora — rosna por cima do ombro. — Aprende a manter calada essa boca bonita.

Fico ali, imóvel de encontro à parede, até o som dos passos pesados no mármore se dissolver em nada. Corro para a casa de banho e tranco a porta. Ofegando, encosto todo o meu peso ao lavatório e observo o meu reflexo.

Três anos a fazer coisas más. Talvez uma confissão semanal para um serviço de voicemail anónimo não seja suficiente. Talvez tenha também de me arrepender dos meus pecados. Talvez ter de me olhar ao espelho todos os dias e não reconhecer a rapariga que me devolve o olhar seja o meu castigo.

Quem é esta rapariga?, pergunto silenciosamente ao espelho. Porque não a reconheço com a maquilhagem espessa e o cabelo alisado. Apesar de ter assinado o meu nome com sangue na linha pontilhada do contrato do Alberto, nunca serei Aurora Visconti. Serei sempre a Rory Carter de Devil's Dip. A Rory que usa o cabelo encaracolado e vive com roupas *Lululemon* e ténis. Que consegue fazer fogo com uma lata de refrigerante e identificar mais de trezentas aves apenas pelo canto.

Permito-me um suspiro. Um suspiro longo e desesperado. Expulsa tudo de dentro dos pulmões e paira em meu redor como um abraço. Sento-me na beira da tampa da sanita e ponho a cabeça nas mãos. *Com um pardal, dói-me o maxilar.*

Quando cheguei a acordo com o Alberto Visconti, ele prometeu-me tudo o que pedi em troca da minha mão em casamento e o espaço intocado entre as minhas pernas. Ser cortada pelo seu anel e atacada em cantos escuros não estava no contrato.

Estou nisto até ao pescoço.

Inalando uma golfada de ar, limpo as manchas de vinho dos lábios com um lenço, aliso o vestido e preparo-me para a cave.

Lembra-te de porque é que estás aqui, Rory.

Lembra-te de porque é que estás aqui.

Nenhum pecado pode ficar por confessar

Aos 21 anos, Rory Carter fica noiva do chefe da Cosa Nostra para salvar o pai. Apesar do seu ar jovial e aparentemente conformado, a sua vida é agora composta por vestidos justos, sorrisos forçados e muitos sentimentos reprimidos. Neste ambiente dissimulado, só uma coisa a reconforta e lhe dá forças para seguir em frente: a linha telefónica dos Pecadores Anónimos, na qual pode verbalizar os seus pecados mais secretos.

Determinada a pôr em prática todos os seus planos, Rory vai tolerando o quotidiano como noiva de um homem que, além das ligações à máfia, é também muito mais velho do que ela. E tudo parece correr bem... até que aparece Angelo Visconti. Sobrinho do seu futuro marido, é um homem frio e calculista que há muito se afastou do mundo do crime, mas o efeito que exerce sobre Rory faz dele um homem muito perigoso.

E só ele tem pecados mais obscuros do que os dela.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
p penguinlivros

ISBN: 978-989-596-211-2



9 789895 962112